

Roteiro do 3º A – Semana 8

Língua Portuguesa – Profª Carla

Semana de 29/06 a 03/07

Entrega até 06/07

Objetivo: Refletir sobre a legitimidade da diversidade linguística e cultural para rejeitar preconceitos.

Tema: Variações linguísticas.



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

A identidade do português do Brasil se constrói na diversidade de línguas e falares de muitos povos. Baianos, mineiros, gaúchos, amazonenses, cariocas, paulistas e goianos falam do mesmo modo?

O linguista José Luiz Fiorin explica: A variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam uma região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma classe social e assim por diante. As variantes não são feias ou bonitas, erradas ou certas, deselegantes ou elegantes, são simplesmente diferentes. Como as línguas são variáveis, elas mudam.

Andando pelo Brasil, você encontra diferentes falares: expressões regionais, construções sintáticas de cada lugar, sotaques que constituem a língua portuguesa.

Variações de grupo social: gírias e jargões

As variações de um grupo social para outro são numerosas. A gíria é uma variedade que nasce das diferenças de idade, sexo, classe e da própria evolução da língua. Assim, temos a gíria do surfista, do malandro, do pedante etc. A variante tem de estar adequada à situação de interação de cada grupo social; caso contrário, as falas não são compreendidas.

Leia a tira de Angeli e observe a gíria usada pelas personagens.



A personagem (Moska) dirige-se a suas amigas Luke e Tantra usando o enunciado: “Aí, minas! Sem zoeira!”. Essas expressões são adequadas à situação? Por quê?

1. O humor da tira joga com as atitudes de Moska, que geram aproximação e distanciamento em relação às garotas. Explique como esses dois diferentes efeitos criam o humor.
2. As variações linguísticas são específicas de grupos sociais formados por diferentes critérios: idade, região, profissão, classe social etc. Também sofrem interferência de outros fatores, como a época em que são produzidas. Sua adequação está, pois, condicionada às situações de interação desses grupos.

Um mesmo falante alterna o uso das variantes conforme o grupo social e a situação de comunicação em que atua: as variantes funcionam como fator de identidade, isto é, caracterizam os membros do grupo.

As variações efêmeras, com teor metafórico e alto grau de informalidade, são chamadas de gíria. Quando específicas de grupos profissionais constituem o jargão.

O jornalista Sérgio Augusto escreveu um ensaio para a revista Bravo! Em que trabalha a imagem do caipira brasileiro.

Eta, mundo veio!

Ao contrário dos westerns, a imagem do nosso homem do campo não é a do sertanejo forte, mas do preguiçoso.

[...]

Até a década de 50, era quase sempre um western o primeiro filme que qualquer criança via na vida. À custa de Tom Mix, Jonh Wayne, Gary Cooper e outros justiceiros de igual calibre, o Velho Oeste impôs uma mitologia sem equivalência no mundo moderno. Muita gente tem apenas uma vaga ideia de quem forma ou fizeram Ulisses, Aquiles e Jasão, mas conhece as façanhas de Wyatt Earp, Jesse James e Buffalo Bill. O Velho Oeste foi a Ilíada e a Odisseia dos americanos, a sua Távola Redonda – e John Ford o seu Homero, o seu Walter Scott.

Não conseguimos produzir nada sequer remotamente parecido – e não apenas por culpa de uma indústria de filmes historicamente incipiente. Nosso primeiro prêmio num festival internacional de cinema (Cannes 1952) foi obtido por um faroeste à brasileira, O cangaceiro, que acabaria gerando, com algum atraso, um ciclo de filmes de cangaço de baixa qualidade, duas variações glauberianas em torno de um matador de cangaceiros (Antonio das Mortes) e, mais recentemente, Corisco & Dadá e Baile Perfumado.

Não se criou, porém um lastro, um gênero forte, sobretudo porque a mitologia do nosso sertão praticamente se resume aos bandidos sociais que gravitavam em torno de Lampião. Mocinhos não cultivamos e nossos silvícolas, embora tenham impressionado a corte francesa e Montaigne, permanecem até hoje sem escasso fã clube na Alemanha. Nosso mais célebre herói indígena, Peri, era de mentira, ao contrário de Cochice e Touro Sentado. Mas Winnetou também era um figura fictícia, ao contrário, por exemplo de Arariboia, cujos feitos em Niterói muitos brasileiros ignoram.

[..]

A despeito dos esforços de José de Alencar, do Visconde de Taunay, de Franklin Távora – para não falar da gigantesca contribuição de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa -, a imagem que do nosso homem do campo ficou foi a do sertanejo forte, pintada por Euclides, mas a do caipira tal como o viu Saint-Hilaire e o estereotipou Monteiro Lobato: sujeito preguiçoso, atrasado, ignorante e cheio de crendices, que em matéria de arte só criou o gosto pela viola. Com uma figura desse porte, só mesmo comédias pitorescas e sentimentais.

Ao final de cada história ou caso que contavam, no rádio de antigamente, Alvarenga e Ranchinho acrescentavam o bordão “Eta mundo veio sem portera!” – caprichando na pronúncia caipira. Eles formavam a primeira dupla de capiaus consagrada em todo o território nacional – graças ao rádio e ao disco – e fizeram mais pela folclorização do matuto do que as comédias de Mazzaropi. O mundo velho sem porteira a que se referiam era a roça, não de todo idealizada, depurada das mazelas, já que a dupla, além de engraçada, era politizada à beça e chegou a ter suas sátiras radiofônicas proibidas pela censura.

O mineiro Alvarenga morreu em 1978 e o paulista Ranchinho, treze anos atrás. Quase ninguém mais se lembra deles nem de quando, exatamente, as tradições de seu mundo veio começaram a ruir, vitimadas por um inexarável processo de aculturação, que pela porteira escancarada entrou sem precisar pedir licença. O ostracismo de Alvarenga e Ranchinho é apenas um detalhe no mapa de transformações por que a cultura caipira passou nas últimas décadas, até desaguar no pasticho de Dallas em que se transformou Barretos, a capital brasileira do *country* globalizado, onde há muito o *Stetson hat* substituiu o chapéu de palha.

Presença urbana a cultura caipira nunca perdeu, muito pelo contrário, e as festas juninas deste mês não me deixam mentir. A televisão, talvez a grande culpada de sua transformação, volta e meia põe no ar uma novela (a da vez é Cabocla) ou uma minissérie de ambientação rural, e em seus programas de auditório o que mais dá é dupla sertaneja – ou melhor breganeja, pois antes de mais nada todas elas são bregas, criações de proveta e marquetagem de gravadoras, transgênicos indiferenciados, de uma indigência musical inexcedível. A boa música sertaneja existe, assegura quem gosta e entende, podendo ser apreciada no arraial de

Rolando Boldrin ou nos forrós que enorme aceitação passaram a desfrutar entre os jovens metropolitanos.

Para o bem o para o mal, ainda temos uma imagem idílica e folclórica do interior. Se nos aborrece a estreiteza mental do Jeca, continuaremos a invejar a gentileza, a solidariedade, a simplicidade e outras virtudes, supostamente perenes, de seu mundo arcaico, que cada vez mais contrastamos com as desgraças que nos parecem exclusivas das selvas de concreto. Não são, mas faz bem à alma acreditar que ainda existem por aqui lugares onde, além do ar ser mais puro, o leite mais fresco e luar mais bonito, viver, desmentindo o aforismo de Riobaldo, não é tão perigoso assim.

AUGUSTO, Sérgio. Eta, mundo veio! Bravo!: Abril, n. 81, jun 2004, p. 22-25

1. O título do texto sugere que ele tratará da cultura caipira; o subtítulo especifica a posição do autor. Que expectativa você tem dele a partir do subtítulo? Que expressão marca essa atitude do autor?
2. Nos parágrafos 5 e 6, o autor traz à tona a presença do caipira na música popular brasileira para falar da “folclorização do matuto” e do posterior processo de transformação por que passou a cultura caipira nacional, que, segundo ele ficou descaracterizada. Como ele cria esse contraste?
3. A linguagem regional ou “caipira” não é utilizada pela elite, por isso muitas vezes é desprestigiada, assim como a cultura caipira é estereotipada, principalmente nos grandes centros urbanos; levante hipóteses: quais fatores podem levar a esses conceitos? Explique.

Orientações: Desenvolva as atividades no word, se for impossível poderá responder no próprio corpo do email, mas somente em último caso.

Fotos do exercício, somente se tiver este recurso, extremamente legível.

Lembrando se você não respondeu os primeiros exercícios responda-os e envie junto.

Não esqueça de colocar qual semana se refere, além do nome, nº e série.

Dúvidas e devolutivas: carlapita@professor.educacao.sp.gov.br

Bom trabalho.